

TRABALHO E MATERNIDADE NO COTIDIANO DE PROFESSORAS DO ENSINO SUPERIOR

Autora: Virginia Paes Coelho

Instituição de trabalho: UNISA – Universidade de Santo Amaro

1. Apresentação

O objetivo dessa comunicação é refletir a partir do exemplo de uma profissão de nível superior feminizada – a profissão de professora universitária, sobre as relações entre a vida docente e doméstica e mais particularmente sobre o modo de construção das relações de gênero nestas duas esferas tendo a qualidade de vida deste segmento como questão.

De fato essa questão se ancora em estudo anterior que efetuei sobre mudanças e continuidades na educação feminina nas últimas décadas¹, detendo-me nas experiências de vida de mulheres que nasceram na década de 60, em suas vivências e relações sociais que estabeleceram.

A escolha das entrevistadas, professoras universitárias, com pós-graduação e mães trabalhadoras, possibilitou conhecer as mudanças assim como as permanências na forma de educar a mulher, especialmente pela família. Suas experiências foram recuperadas com a utilização da metodologia da História Oral, pelo resgate de suas memórias, com a técnica de História de Vida. Esse percurso metodológico favoreceu uma melhor compreensão da cultura, modos de vida, valores e vivências deste grupo nas suas famílias de origem e nas que constituíram posteriormente, revelando a forte influência que os acontecimentos da época tiveram na construção de suas subjetividades e visão de mundo.

Dois aspectos se destacaram no estudo: o investimento que todas as narradoras fazem na carreira profissional e o ingresso e permanência no mercado de trabalho, partes constituintes do universo feminino na vida contemporânea. Trabalhar e construir uma carreira para as entrevistadas, assim como para muitas mulheres no momento atual, é um projeto estruturante de suas vidas, não apenas pelas novas

¹ Refiro-me a minha tese de Doutorado, “*Visitando a história a partir de memórias femininas: mudanças e permanências na socialização da mulher - 1960-1990*”. São Paulo, 2001. Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, PUC/SP.

possibilidades de consumo que o trabalho propicia, mas, sobretudo pelos bens simbólicos que viabiliza na constituição da identidade feminina.

O alto investimento no trabalho e na carreira feminina é justificado pela necessidade das mulheres em ampliar possibilidades profissionais, exigindo uma reciclagem constante, sob pena de perda de espaço no mercado de trabalho. Confirmando esta tendência, vários estudos têm demonstrado a centralidade do trabalho na vida contemporânea, como destaca em sua análise Oliveira, ao afirmar que,

Se o homem, hoje, perde seu trabalho, numa sociedade como a moderna, que fez do trabalho a motivação fundamental da ação humana, ele perde o sentido de sua vida. O trabalho ainda foi, até agora, o símbolo de autonomia, de integração social e o caminho de ascensão social².

Apesar das inúmeras tarefas que as mulheres assumem na vida pública a maior parte das mulheres continua a ter uma ajuda parcial de seus companheiros, e mesmo se tratando das camadas médias urbanas é possível afirmar que, para a grande maioria desse segmento permanecem as dificuldades em conciliar a vida profissional com os cuidados e a atenção para com a família, além de terem de coordenar, ou mesmo executar as tarefas domésticas. O tempo dedicado ao lazer, além de estar cada vez mais reduzido na vida contemporânea, para as mulheres que trabalham e necessitam dar conta do espaço doméstico é utilizado, via de regra, na companhia dos filhos, como forma de compensação pelos longos períodos passados longe da família.

A família de fato parece continuar a ocupar grande parte das preocupações do universo feminino, em especial, no que se refere à qualidade de vida que esperam poder dar aos filhos. O tempo vivido fora de casa, na vida pública – como no trabalho e no estudo, é tido como investimento, possibilidade de proporcionar bem-estar ao grupo familiar embora, para chegar a esse objetivo: melhor qualidade de vida para si e para a família (que envolve questões objetivas como renda, segurança, emprego, habitação e subjetivas como sentirem-se felizes, terem prazer, entre outros ganhos), as

² OLIVEIRA, M. A. A nova problemática do trabalho e a ética. In: TEIXEIRA, F.J. S & OLIVEIRA, M.A.(org.) *Neoliberalismo e reestruturação produtiva. As novas determinações do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez/UECE, 1996, p.177.

mulheres sejam levadas a imprimir um ritmo demasiado estressante a suas vidas, que interfere profundamente na qualidade de vida³.

No processo de reprodução das desigualdades de gênero que continuam sendo observadas no mercado de trabalho e que são afetadas ainda pelas mudanças que vêm ocorrendo no padrão de incorporação pelo mercado de trabalho e ampliação do desemprego desde a década de 90, incidem diversos fatores. Abramo (2002) considera que muitos destes podem ser considerados estruturais, incluindo não só o trabalho, mas também todas as demais dimensões da vida social e da divisão sexual do trabalho, que definem como função básica da mulher o cuidado com o mundo privado e a esfera doméstica, mas atribui a essa esfera um valor social inferior ao mundo “público”, desconhecendo totalmente seu valor econômico.

A hipótese que norteia este estudo é de que a questão de gênero articulada às novas configurações do mundo do trabalho – em especial do ensino superior privado, articulada a maternidade se colocam como fatores impeditivos da possibilidade das mulheres obterem uma melhor qualidade de vida.

2. O tempo de trabalho e as desigualdades de gênero

O estudo das condições de vida das mulheres possibilita re-conhecer não apenas representações femininas sobre o trabalho e seus significados simbólicos, como fator “emancipador” da condição da mulher em nossa sociedade, mas, sobretudo, como esse percurso vem sendo construído.

Para melhor compreender essa trajetória uma das questões fundamentais a desvendar é a relação da mulher com o trabalho profissional, a carreira e os estudos em sua inter-relação como principal cuidadora familiar e responsável pelas principais atividades domésticas. Contudo, o tempo que utiliza para o cuidado com aqueles que não têm condições de se autocuidar e com as questões que envolvem a casa não é percebido como da organização social do tempo, mas como parte da vida das mulheres, como um atributo feminino, determinado pelas relações de poder de gênero.

³ RIOS (apud MARQUES) consideram como sinônimo os termos Qualidade de Vida e bem-estar. A Qualidade de Vida estaria relacionada ao bem-estar em dimensões como: saúde, nível de educação, situação econômica, relações sociais e familiares, moradia, atividades recreativas, auto-estima, crenças religiosas, autonomia, domínio ambiental, metas na vida, grau de desenvolvimento pessoal e outros. MARQUES, L.F. “Qualidade de vida, uma aproximação conceitual”. In: *Revista Semestral do Instituto de Psicologia da PUC/RS*. 4PISICO: Porto Alegre, v.27, no. 2, p.49-62, jul/dez. 1996.

Ávila (2002:39) destaca que “para as mulheres que estão no mercado de trabalho esse tempo retirado da sua inserção na produção é aquele que produz a dupla jornada, nele as tarefas de reprodução são destituídas de valor social”, não sendo considerada a importância das responsabilidades que envolvem o espaço privado.

Por isso Sen (1993) considera que avaliações sobre qualidade de vida baseadas na utilidade devem ser rejeitadas, pois poderiam tender a levar em consideração os bens reais que usufruem homens e mulheres, para assim avaliar as desigualdades entre eles. Essas formas de avaliação baseadas em mercadorias mostram-se inadequadas, segundo o autor, porque são apenas meios para a obtenção de bem-estar e liberdade, não refletindo a natureza das vidas que as pessoas envolvidas podem levar, bem mais complexa e só passível de ser verificada através da análise das condições de realização humana e de liberdade.

Dessa forma ao tentarmos conhecer o desgaste do trabalho docente precisamos alinhar várias questões que permeiam o processo de ensino em relação ao tempo de dedicação das tarefas diárias. Em primeiro lugar há uma distinção entre tempo de ensino e tempo de trabalho fundamental para se começar a compreender essa questão. O tempo de ensino refere-se às atividades em classe, calculado pelo número de aulas ministradas durante a semana. O tempo de trabalho é o número de horas dedicadas ao ensino, à preparação das aulas, estudo, correção das atividades discentes, atendimentos aos alunos, reuniões, produção de relatórios, etc. Conforme Souza,

O tempo de trabalho das professoras é definido em torno de dois eixos. O primeiro estritamente normativo determina o tempo de serviço, medido em horas de aulas presentes com os alunos; o tempo de serviço semanal em função do estatuto, das disciplinas pode ser modulado em função das tarefas ou atividades fora da sala de aula. O segundo eixo não permite delimitar claramente o tempo profissional, pois não é codificado, depende de concepção, de práticas profissionais e do engajamento pessoal no métier; é dificilmente mensurável devido ao fato de que pouco aparece, é realizado fora da escola, quase sempre em domicílio, por isso pouco avaliado e controlado pelos que administram o sistema escolar. (2000: 12)

Outro problema em relação ao segundo eixo é que o conhecimento e reconhecimento deste tempo são pequenos ou quase nulos para as famílias ou para o público, havendo dificuldades de mensurá-lo mesmo para os professores. A articulação desse tempo, não medido com o domínio privado, acarreta tensões

permanentes na vida cotidiana das professoras, já que como mulheres continuam submetidas às atribuições e às imposições domésticas (Pelége et Roger, 1999, apud Souza, 2000).

Existem fatores comuns que podem interferir na qualidade de vida desse segmento, e que estão presentes igualmente no cotidiano das trabalhadoras de forma geral. As pesquisas de Bruschini (2007) sobre gênero e trabalho mostram que o perfil da força de trabalho feminina brasileira mudou nas últimas décadas. Elas têm idades mais avançadas se comparadas às décadas anteriores, são casadas e mães. É possível dizer que há uma “nova” identidade feminina hoje, voltada tanto para o trabalho quanto para a família, que mantém a responsabilidade pelas atividades domésticas e pelos cuidados com os filhos e outros familiares. Há desse modo a continuidade de modelos familiares tradicionais, que provocam sobrecarga sobre as trabalhadoras, sobretudo para as que são mães de filhos pequenos.

Examinar as condições de vida deste segmento feminino pode possibilitar reconhecer não apenas representações femininas sobre o trabalho e seus significados simbólicos, como fator “emancipador” da condição da mulher em nossa sociedade, mas, sobretudo, como esse percurso vem sendo construído considerando as transformações presentes no mundo do trabalho - esvaziamento da legislação trabalhista, alteração da relação de contratação (via terceirização, precarização do vínculo empregatício, anulação de acordos coletivos), reorganização do processo de trabalho, entre outros aspectos desencadeados com a reestruturação produtiva, em íntima relação com as responsabilidades sempre presentes das tarefas domésticas.

Os estudos de gênero neste campo sugerem que freqüentemente as mulheres estão em muito pior situação que os homens quando se incluem estas questões de forma articulada, tomando por enfoque o bem-estar na avaliação das desigualdades entre os homens e as mulheres, embora estas se tornem “aceitáveis” muitas vezes quando envolvem as relações familiares frente às concepções sociais de arranjos “normais” no interior do grupo familiar, prejudicando comparações de bem-estar que ambos os sexos desfrutam.

Por isso são fundamentais estudos que reflitam sobre a importância das mulheres disporem de liberdade de escolha para terem um tipo de vida em que o bem-estar corresponda à ampliação da qualidade de vida, ainda muito limitada, já que em

ampla maioria as mulheres se encontram limitadas, frente às circunstâncias de suas vidas, no seu desenvolvimento humano.

Vários estudos têm demonstrado a centralidade do trabalho na vida contemporânea na configuração da motivação fundamental da ação humana, podendo haver a perda de sentido da vida frente a sua não concretização, já que este foi e continua sendo o símbolo da autonomia, integração social e possibilidade de ascensão social.

Em se tratando das mulheres, apesar das inúmeras tarefas que assumem na vida pública, ainda estão longe de estabelecer parcerias no espaço doméstico com os homens, havendo mais um caminho, ainda não sedimentado, de ajuda parcial destes na vida privada. Permanece, para a grande maioria das mulheres trabalhadoras, a difícil necessidade de conciliação da vida profissional com os cuidados e a atenção para com a família, além de coordenarem, ou executarem muitas das tarefas domésticas.

Dedecca (2004) destaca que entre as questões que têm despertado o interesse de feministas e estudiosas das relações de gênero estão:

- a) O tempo econômico masculino que é maior do que o feminino, enquanto o tempo feminino na reprodução social é maior que o masculino;
- b) O aumento da jornada do tempo econômico que prejudica mais as mulheres, uma vez que o tempo dedicado por elas à reprodução social e a família não tende a diminuir, apesar do avanço tecnológico da aparelhagem doméstica; isso reduz o tempo livre das mulheres que adicionam o tempo econômico ao da reprodução social.

A família ocupa grande parte das preocupações do universo feminino, em especial, no que se refere à qualidade de vida que esperam possibilitar aos filhos. Na busca por atingir esse objetivo as mulheres são levadas a imprimir um ritmo demasiado estressante a suas vidas, o que interfere profundamente em sua qualidade de vida⁴.

⁴ Rios (apud Marques) consideram como sinônimo os termos Qualidade de Vida e bem-estar. A Qualidade de Vida estaria relacionada ao bem-estar em dimensões como: saúde, nível de educação, situação econômica, relações sociais e familiares, moradia, atividades recreativas, auto-estima, crenças

Esse processo de desgaste tem sido ampliado com a reestruturação produtiva não havendo liberação do tempo de trabalho pelo emprego das novas tecnologias. Há trabalhadores que não possuem uma forma regular de tempo, como é o caso dos professores, ocasionando um tempo de existência que é apenas uma seqüência de repetição de tarefas, retirando o sentido da própria existência. Ávila em seu estudo sobre “o tempo e o trabalho das mulheres” afirma que

No geral, quando a vida se desenrola tão precária e repetitivamente, parece que não há consciência de que o tempo gasto na repetição é o tempo da própria vida. Nesse sentido, a alienação é um elemento básico do modelo hegemônico de reestruturação produtiva. (2002:40)

3. Condições de trabalho para professoras – espaço público e doméstico

Os estudos de Souza (2000) sobre condições de trabalho na carreira docente trazem dados da PNAD/IBGE de 2004 que mostram que as professoras representam 3,7% do total da população ocupada no Brasil e são 78,2% do total de professores brasileiros sendo 82,1% no setor público e 68% no setor privado, se trata assim de um mercado de trabalho preponderantemente feminino.

O mercado de trabalho no campo do ensino é bastante formal. Conforme a autora cerca de 84% dos professores possuem um contrato formal de trabalho (CLT ou estatutário), mas apesar deste elevado nível de formalidade, há um percentual significativo destes trabalhadores que se encontram na informalidade (16%). Ocultos nestas relações podem estar os contratos temporários, subcontratados (em especial com a entrada do EAD – Ensino à Distância que vem gestando novas formas de contratação mais precárias), autônomos, entre outros, que tocam indistintamente homens e mulheres, contribuindo para construir coletivos de trabalhadores que não se reconhecem pertencentes a um mesmo grupo profissional.

As mudanças nas relações de trabalho e de emprego rebatem na precarização das relações de trabalho no campo do ensino. Castel (1998, apud Souza, 2000) considera como sinais dessas evidências à flexibilização e a desregulamentação da legislação. O sistema de proteção e de garantias sociais, vinculado ao trabalho, é

religiosas, autonomia, domínio ambiental, metas na vida, grau de desenvolvimento pessoal e outros. MARQUES, L.F. “Qualidade de vida, uma aproximação conceitual”. In: *Revista Semestral do Instituto de Psicologia da PUC/RS*. 4PISICO: Porto Alegre, v.27, no. 2, p.49-62, jul/dez. 1996.

desconstruído progressivamente e os professores caminham para um processo de precarização das relações de emprego para dar sentido às propostas do mercado.

Aumenta a cada dia a quantidade e a diversidade das tarefas e atividades atribuídas aos professores que dão origem às inúmeras dificuldades no exercício profissional e se exprimem através do estresse ou do mal estar docente⁵.

Para as mulheres essa questão se torna ainda mais grave na medida em que como destaca Hirata (2002) as mudanças no mundo do trabalho com os novos modelos produtivos, a precarização do emprego e a emergência de novas profissões qualificadas femininas modificou profundamente a esfera do trabalho profissional, mas na divisão do trabalho na esfera reprodutiva as mudanças foram insignificantes ao longo dos anos.

A invenção e o desenvolvimento das tecnologias domésticas, embora possam ter facilitado a execução do trabalho doméstico, não alterou fundamentalmente a alocação de afazeres domésticos para as mulheres. Neste sentido é que a autora justifica que,

“A relação entre trabalho doméstico e afetividade parece estar no cerne desta permanência, o que torna indispensável à incursão na esfera da subjetividade, para a análise desta modalidade de trabalho” (2002:31).

Para Marcondes et all (2003) a questão é que os cuidados, geralmente atribuídos às mulheres, com as crianças, a casa e seus moradores, não são considerados trabalhos, pois tratar-se-iam "apenas" de atividades de manutenção das condições para a realização do "autêntico trabalho", este sim, verdadeiramente produtivo, uma vez que se revela em produtos monetarizáveis. Outro ponto é que este trabalho é pago por meio de salário e realizado no âmbito público. Assim, o trabalho é reduzido à sua dimensão puramente econômica, ou seja, quanto à sua contribuição para o produto da sociedade.

⁵ O exercício da profissão docente tem seus próprios *antecedentes* oriundos do contexto ocupacional e da organização escolar, entre eles: a relação com os alunos e seu baixo nível de motivação, ou tipo de jornada de trabalho, a sobrecarga de trabalho, referente não só ao número de horas de dedicação, como também a outros elementos, como a proporção aluno/professor, o sistema de horários, o nível de envolvimento com os alunos e a falta de pessoal, o conflito e a ambigüidade de papéis, assim como a inadequação entre formação e desenvolvimento profissional; o clima organizacional e a coordenação com as demandas da administração, da supervisão e da estrutura organizacional do local de trabalho. MORENO-JIMENEZ, B et all. “A Avaliação do Burnout em professores. Comparação de instrumentos: CBP-R E MBI-ED”, In: **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 7, n. 1, p. 11-19, jan./jun. 2002.

Essa condição permanece mesmo se confrontada junto aos segmentos de famílias de camadas médias. Bruschini e outros pesquisadores da Fundação Carlos Chagas (1990) realizaram pesquisa com mulheres pertencentes a famílias das camadas médias paulistanas, examinando o tempo gasto em tarefas domésticas. Os resultados refletem que o tempo diário gasto nessas atividades variava de 7 a 9 horas. O registro de tempo mostrou que as tarefas domésticas, também nas camadas médias, se caracterizam pela simultaneidade, multiplicidade e fragmentação e por consumir grande parte do tempo feminino.

O critério de tempo gasto em atividades mercantis e não mercantis é tão importante que começou a ser novamente utilizado para analisar o trabalho das mulheres, em documentos internacionais, como o Relatório de Desenvolvimento Humano – Human Development Report/HDR⁶ (UNDP, 1995, apud Bruschini, 2007). Esta nova perspectiva de análise, que articula a esfera da produção econômica e da reprodução e social, permite observar as conseqüências das obrigações domésticas na vida das mulheres, ao construir barreiras ao seu desenvolvimento profissional.

Apesar de importantes mudanças na inserção das mulheres no mercado de trabalho, principalmente na segunda metade dos anos 90, tais como a entrada em novos postos de trabalho antes tipicamente masculinos e a maior participação entre os profissionais de nível superior, em profissões de maior prestígio com predomínio masculino grande parte das trabalhadoras concentra-se em ocupações tidas como tradicionalmente femininas como é o caso do magistério. Entretanto, mulheres instruídas, além de continuar marcando presença em tradicionais “guetos” femininos, como o magistério e a enfermagem, estão entrando também em áreas profissionais de prestígio, como a medicina, a advocacia, a arquitetura e até mesmo a engenharia, tradicional reduto masculino. Para Bruschini (2007) esta poderia ser considerada uma das faces do progresso alcançado pelas mulheres, no que tange à sua participação no mercado de trabalho.

Contudo, como destaca a autora os dados das PNADs indicam a persistência dos já conhecidos padrões diferenciados de inserção feminina e masculina segundo setores ou grupos de atividades econômicas nos quais as trabalhadoras continuam

⁶ Cf. BRUSCHINI, C. “o conceito de desenvolvimento humano, para avaliar a situação sócio-econômica de um país, considera uma ampla gama de questões sociais, como a educação, valores culturais e políticos. Com esta perspectiva teórica, o HDR constrói um índice de desenvolvimento humano (IDH) que combina os indicadores de esperança de vida, nível educacional e renda nacional”. In: Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado 2007, p.8 (mimeo).

encontrando maiores oportunidades de trabalho e emprego: a prestação de serviços, a agropecuária, o setor social⁷, o comércio de mercadorias e a indústria. Neste espaço se encontra o campo da docência no qual este estudo de gênero busca conhecer o cotidiano de professoras universitárias e as possibilidades que se apresentam para obterem uma vida plena de qualidade.

4. Qualidade de Vida e docência

Minha pesquisa realizada no doutorado indicou que a partir da década de 1970 do século passado houve uma grande valorização nas famílias de camadas médias pela carreira universitária de suas filhas.

Hoje, o trabalho e a carreira, para esta geração de mulheres, são ainda mais valorizados do que foram por suas famílias de origem, representando simbolicamente a construção de um projeto individual, que pode fornecer satisfações pelas possibilidades de prestígio e independência financeira. Esta proposta destaca-se, de certo modo, do projeto familiar, pois representa uma conquista pessoal, engendrada no processo de socialização pelo desejo de ascensão social. Entretanto, permanecem as dificuldades nas condições de trabalho ainda mais desfavoráveis para as mulheres que para os homens. As mulheres continuam ganhando menos, ocupando lugares menos privilegiados na economia e em condições de trabalho mais precárias, tendo de estudar mais que os homens para ocuparem a mesma função, sem que haja aumento de satisfação pessoal.

Mesmo nos segmentos médios intelectualizados, a maior concentração em profissões liberais mostra uma tendência ao exercício de funções na área pública e na educação, espaços em que a situação das mulheres apresenta-se desfavorável. Historicamente estas são áreas que passam por um processo de desvalorização profissional, com queda gradativa do valor dos salários.

Algumas pesquisas recentes indicam que as mudanças no mundo do trabalho têm afetado as mulheres de forma mais contundente, já que hoje elas têm muito mais

⁷ São considerados como integrantes do Setor Social, conforme definição do IBGE, os Serviços comunitários e sociais, os Serviços médicos, odontológicos e veterinários e o Ensino.

atividades a fazer do que no passado⁸. As relações de trabalho se mantêm desfavoráveis para as trabalhadoras uma vez que a mulher permanece como a maior responsável pelas atividades da vida doméstica, sem dispor de infra-estrutura pública adequada, além de conviver com a discriminação e a segregação ocupacional. Embora não aceitem abrir mão do que consideram uma conquista, as mulheres continuam pagando um alto preço por essa escolha, pelo desgaste físico e emocional que enfrentam.

No Brasil, os estudos sobre Qualidade de Vida de um grupo social, num determinado macro-contexto, têm sido, em geral, relacionados ao ciclo vital ou a doença, existindo poucos estudos sobre o tema, provavelmente porque o interesse pela questão seja relativamente novo, com maior incidência a partir dos anos 90 do século XX.

Estudos sobre questões relacionadas à Qualidade de Vida despertaram interesse mundial a partir da Segunda Guerra Mundial quando floresceram pesquisas, elaboradas por especialistas ligados a diversos campos do conhecimento, mais concentradas nas áreas da psicologia, saúde pública, medicina e ecologia.

Qualidade de Vida tem sido objeto de preocupação e análise hoje também para as Nações Unidas, que têm utilizado indicadores coletivos e específicos denominados IDH – Indicadores de Desenvolvimento Humano, como instrumentos de avaliação das condições de vida da população mundial.

Contudo, conceituar Qualidade de Vida é uma tarefa complexa na medida em que significa analisar a vida e toda a problemática que a circunscreve; seu valor, sua qualidade, os aspectos objetivos de existência e os mais interiores e profundos - psicológicos e filosóficos. Significa pensar o ser humano inserido em seu ambiente físico, social, político, econômico, espiritual e cultural, em constante transformação.

Alguns estudos utilizam as idéias de Aristóteles sobre a definição da “*boa vida*” como parâmetro para análise de forma mais ampla. Domingos (1997) considera que para o filósofo *boa vida* é a vida desejada. A *boa vida* seria viver bem (*euzoia*) e fazer o bem (*eupraxia*) relacionado ao sucesso e a auto-realização. Na compreensão

⁸ Alana Krueger, economista de Princeton, analisou dados tradicionais relativos à felicidade, através de entrevistas a pessoas sobre em que medida estão satisfeitas com suas vidas como um todo. O estudo aponta que as mulheres estão fazendo tipos diferentes de trabalho hoje, dedicando mais tempo ao trabalho pago e menos cuidando da casa. O que mudou seria que hoje as mulheres têm uma lista muito maior de coisas a fazer do que no passado. Elas não conseguem fazer tudo, e muitas terminam por sentir que estão deixando a desejar, Caderno Mundo, Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, 29/09/07, p. A26.

do filósofo, a prática humana e a vida divina devem ser atingidas se o homem alcançar a felicidade. O prazer não é apenas subjetivo, mas também objetivo. O prazer verdadeiro deve ser aquele que acompanha a função humana – o puro, o determinado e o contínuo prazer. Além da função humana, que poderia ser associada às concepções de saúde, as ações virtuosas fazem parte do prazer verdadeiro.

Sem (1993) considera que o termo aristotélico “*eudaimonia*”, embora freqüentemente mal traduzido por “felicidade”, de fato expressa a plena realização da vida, que ultrapassa de muito a perspectiva utilitarista. Ainda que o prazer possa resultar da realização, isso é considerado uma consequência, e não a causa da valorização da realização.

O enfoque de Marx sobre a importância da efetivação e da capacidade, como determinantes do bem-estar relaciona-se à análise aristotélica. Desse modo,

“em lugar da riqueza e da pobreza da economia política, veremos surgir o rico ser humano e a rica necessidade humana. O rico ser humano é simultaneamente o ser humano que necessita de uma totalidade de atividades vitais – o ser humano em quem a auto-realização existe como necessidade interior” (Marx, apud Sen: 1993)⁹.

Sen analisa a qualidade da vida humana utilizando o enfoque denominado “*enfoque da capacidade*”. Por esse método a vida humana é entendida como um conjunto de “*atividades*” e de “*modos de ser*”, os quais o autor denomina de “*efetivações*” (1993:316-317). Esse enfoque relaciona o julgamento sobre a qualidade da vida à avaliação da capacidade de funcionar ou de desempenhar funções.

Negando o enfoque utilitarista, como metodologia de avaliação da qualidade de vida, o autor considera que ao optarmos por uma concepção que entende a vida como um conjunto de “*atividades e modos de ser*” valiosa, a análise assume a forma de uma avaliação dessas efetivações e da capacidade de efetuar-las.

Por esse enfoque as efetivações são constitutivas do ser de uma pessoa e uma avaliação do seu bem-estar tem de tomar a forma de uma avaliação dos elementos que a constituem.

⁹ Amartya Sen refere-se a obra de Marx. K. “Economic and Philosophic manuscripts of 1844”. Conforme texto do autor citado anteriormente.

Riaño (apud Marques, 1996)¹⁰ considera que Qualidade de Vida é a valoração que o indivíduo faz sobre vários aspectos que considera importantes na sua vida atual e em termos globais. O autor concebe a Qualidade de Vida como um constructo que só pode ser averiguado a partir da ótica e percepção verbalizada pelo indivíduo.

A Qualidade de Vida assim não pode ser sintetizada como um sentimento de satisfação ou bem-estar pessoal, pois é mais ampla. É parte da avaliação que a pessoa faz desse aspecto, mas também de outros que considera importantes na sua vida atual e, de forma global, de sua vida inteira.

As diversas abordagens presentes hoje se referem à Qualidade de Vida sob a perspectiva de *Welfare* e ou *Well-being*¹¹. Sob a ótica do *Welfare*, Qualidade de Vida pode ser associada às condições concretas de existência, individual e coletivamente.

Well-being não depende necessariamente das condições concretas de existência. Suas concepções se referem à sensação de prazer, ao gosto pela vida, à percepção de um estado de bem-estar, felicidade, satisfação e envolvimento emocional com pessoas e atividades, auto-estima, propósito de vida e envolvimento espiritual.

Analisar as condições de vida de trabalhadoras e mães, professoras universitárias, delinea-se assim uma tarefa complexa, pois coloca como exigência lançar o olhar sob os diversos ângulos que envolvem a questão. Considerando as reflexões postas, até que ponto é possível afirmar que as mulheres são responsáveis pela qualidade de suas vidas?

Avaliando as conquistas alcançadas pelas mulheres nas últimas décadas que resultaram em maior autonomia e ingresso na força de trabalho, é possível dizer que se estas representam avanços significativos também contribuem para o estresse e as tensões que afetam de forma impactante comportamentos e modos de vida femininos. Além disso, como afirma Marcondes et all,

O sexo dos trabalhadores é uma importante diferença no mundo do trabalho que, geralmente, encontra-se ocultada pela "uniformidade"

¹⁰ MARQUES, F.L. Qualidade de vida, uma aproximação conceitual. In: *Revista Semestral do Instituto de Psicologia da PUC/RS*. 4PISICO: Porto Alegre, v.27, no. 2, p.49-62, jul/dez. 1996.

¹¹ Segundo Domingos existe razoável consenso entre os autores norte-americanos e escandinavos quanto ao uso destas terminologias. A palavra *Welfare* vem sendo utilizada para designar a Qualidade de Vida objetiva, material, quantitativa, enquanto *Well-being* para designar a Qualidade de Vida subjetiva, não material, associada às noções de felicidade e sensação de bem-estar. Como o autor, optei pelo uso destes termos na língua inglesa por considerar que, em suas traduções para o português, perde-se o significado de distinção de um ou outro termo. DOMINGOS, L.A. Qualidade de vida – Concepções e Representações Sociais. Mestrado e Psicologia Social. PUC-SP, 1997.

de classe. E, no entanto, é ao se colocarem na situação de trabalhadores, ao venderem sua "força de trabalho" como economia clássica, que as relações de gênero adquirem concretude e visibilidades privilegiadas. (2003:93)

No caso das professoras temos o agravante de que no Brasil, a maior parte da formação continuada é realizada fora do horário de trabalho e financiada pelo professor, ocasionando perdas tanto no que se refere ao lazer e ao repouso como para as relações familiares. Se a isto associamos ainda as novas relações de trabalho nessa área¹², mais precárias e desestimulantes¹³, veremos que qualidade de vida para o segmento da docência feminina é ainda uma utopia que temos que reafirmar na educação cotidianamente para que se transforme em real.

3. BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, L. "Evolução do Emprego feminino e equidade de gênero na América Latina: avanços e permanências nos anos 90". In: (Org. COSTA, A.A et all) **Um debate crítico a partir do feminismo: reestruturação produtiva, reprodução e gênero**. São Paulo: CUT, 2002.

_____. "Imagens de gênero e políticas de Recursos Humanos na modernização produtiva". In: **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo: Fundação SEADE, vol., 11, n.º 1, jan/mar-97.

ARAGÃO, M.S.C. A Educação dos próximos dez anos. Perspectivas para a Educação privada no município de São Paulo, São Paulo: SINPRO, 2008.

ÁVILA, M.B "O tempo e o trabalho das mulheres". In: (Org. COSTA, A.A et all) **Um debate crítico a partir do feminismo: reestruturação produtiva, reprodução e gênero**. São Paulo: CUT, 2002.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRUSCHINI, C. Mulher e Trabalho: engenheiras, enfermeiras e professoras. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.º 27, p. 5-17, dez/78.

¹² "Ver Pesquisa realizada por Aragão, com o apoio do SINPRO," A educação dos próximos dez anos. Perspectivas para a "educação privada no município de São Paulo". São Paulo, 2008.

¹³ 90% dos professores indicam o salário e o desgaste emocional como principais motivos para mudar de profissão. In: "A educação dos próximos dez anos. Perspectivas para a "educação privada no município de São Paulo". São Paulo, 2008

- _____. Maternidade e trabalho feminino: sinalizando tendências. **Projeto de Estudos da mulher: Brasil-reflexões sobre gênero e fecundidade no Brasil**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, p.29-41, out/95.
- _____. Trabalho das mulheres no Brasil-continuidades e mudanças no período de 1985-1995. In: **Caderno da Fundação Carlos Chagas**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.º 17, p. 9-78, 1998.
- CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER. **Estratégias da Igualdade. Plataforma de ação para implementar os compromissos assumidos pelo Brasil na IV Conferência Mundial da Mulher**. (s.d.)
- CORRÊA, S. “Gênero: Reflexões conceituais, pedagógicas e estratégicas”. In: **Caderno SOS Corpo**, Recife, p.5-18, 1994a.
- DIEESE **Equidade de Gênero nas negociações coletivas** – Cláusulas relativas ao trabalho da mulher no Brasil, Pesquisa, n.º 13, São Paulo: DIEESE, nov/97.
- DOMINGOS, A. L. **Qualidade de vida- concepções e representações sociais**. São Paulo, 1997, (Dissertação de Mestrado), Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, PUC/SP.
- GIDDENS, A. **Mundo em descontrole. O que a globalização está fazendo de nós**. 2ª. Ed., Rio de Janeiro: Record, 2002.
- _____. **A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.
- HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade, São Paulo: Boitempo, 2002.
- LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H.B. (org.) **Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura**. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997.
- MAPA DAS QUESTÕES DE GÊNERO. São Paulo: CUT/CGT/Força Sindical/DIEESE, mai/99.
- MARCONDES, W.B. et all “O peso do trabalho ‘leve’ feminino à saúde”. In: **Revista São Paulo em perspectiva**, 17(2): 91-10, 2003.
- MARQUES, F. L. “Qualidade de vida, uma aproximação conceitual”. In: **Revista Semestral do Instituto de Psicologia da PUC/RS**. PISICO: Porto Alegre, v.27, no. 2, p.49-62, jul/dez. 1996.
- OLIVEIRA, M. A. “A nova problemática do trabalho e a ética”. In: TEIXEIRA, F.J.S & OLIVEIRA, M.A.(org.) **Neoliberalismo e reestruturação produtiva. As novas determinações do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez/UECE, 1996.
- PERROT, M. “Práticas da memória feminina”. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol.9, n.º 18, p.09-18, ago/set-89.

- PRIORE, M.D. (org.) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997.
- SAFFIOTI, H. I.B. **A mulher na sociedade de classes - mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SEN, A. “O desenvolvimento como expansão de capacidades”. In: **Estado, reformas e desenvolvimento-Revista Lua Nova**, n.ºs 28/29, São Paulo: CEDEC, 1993, p. 317-318.
- _____. “Comportamento Econômico e sentimentos morais”. In: **Ética, Política e Gestão Econômica - Revista Lua Nova**, n.º 25, 1992, São Paulo: CEDEC, 1992, pp. 103-130.
- SCOTT, J. “Gênero: uma categoria útil para a análise histórica”, 2ª ed., In: **Caderno SOS Corpo**, Recife, p. 1-19, 1994.
- SOUZA, A. N. – Resultados parciais de pesquisa do projeto **Trabalho e formação profissional no campo da cultura: professores, bailarinos e músicos**. (mimeo), 2000.
- VIEIRA, A. “A abordagem sócio-técnica e os programas de qualidade de vida no trabalho”. In: **Psicologia**. Revista da Faculdade de Psicologia da PUC/SP. São Paulo: Fapesp/Educ, n.º. 4, p. 1-130, mai/97.